

Malvinas, ditadura e a obra de Martín Kohan

Inês Skrepetz

Doutoranda em Literatura e Bolsista CNPq

Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Brasil

ines.skrepetz@gmail.com

Resumo

Em *Dos veces junio* (2002) e *Ciencias morales* (2007), a atmosfera que circundava a ditadura argentina e a Guerra das Malvinas, os *tempos sombrios* vividos e o ar rarefeito respirado na época se movem, se mesclam e se infiltram também em *Cuentas pendientes* (2010). Nesse sentido, pretende-se analisar, em discussão com alguns pensadores pós-estruturalistas, como se apresenta e se desdobra essa movimentação nas ficções já mencionadas de Martín Kohan que, por meio do discurso literário, interrogam a experiência dos tempos da ditadura argentina em seus momentos mais críticos, suas consequências e sobrevivências na atualidade.

Palavras-chave

Ditadura-Malvinas, ética e política, Martín Kohan.

Resumen

En *Dos veces junio* (2002) y *Ciencias morales* (2007), la atmósfera que circundaba la dictadura argentina y la Guerra de las Malvinas, los tiempos sombríos vividos y el aire enrarecido respirado en la época se mueven, se mezclan y se infiltran incluso en *Cuentas pendientes* (2010). Desde esta perspectiva, el objetivo es analizar, en discusión con algunos pensadores postestructuralistas, como se presenta y se despliega esa movimentación en las ficciones de Martín Kohan que, a través del discurso literario, interrogan la experiencia de los tiempos de la dictadura argentina en sus momentos más críticos, sus consecuencias y supervivencias en la actualidad.

Palabras clave

Dictadura-Malvinas, ética y política, Martín Kohan.

Abstract

In *Dos veces junio* (2002) and *Ciencias Morales* (2007), the atmosphere surrounding the Argentine dictatorship and the Falklands War, the dark times lived, and breathed the rarefied air at the time they move, are mixed and infiltrate also *Cuentas pendientes* (2010). In this sense, we intend to analyze in discussion with some post-structuralist thinkers, as shown and unfolds this movement in fictions of Martín Kohan has mentioned that, through literary discourse, experience the wonder of the age of the Argentine dictatorship in their most critical moments, their consequences, and survival today.

Keywords

Dictatorship-Malvinas; Ethics and Politics; Martín Kohan.

O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? [...] Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa.

WALTER BENJAMIN (1985: 223)

A atmosfera que circundava a ditadura argentina e a Guerra das Malvinas, os *tempos sombrios* vividos e o ar rarefeito respirado na época, concentram-se e se movimentam em *Dos veces junio* (2002) e *Ciencias morales* (2007), infiltrando-se em *Cuentas pendientes* (2010). Nesse sentido, pretende-se analisar, em discussão com alguns pensadores pós-estruturalistas, como se apresenta e se desdobra essa movimentação nas ficções já mencionadas de Martín Kohan que, por meio do discurso literário, interrogam o período ditatorial argentino em seus momentos mais acentuados, e que dão a conhecer suas consequências e sobrevivências na atualidade.

Nas ficções eleitas como *corpus* principal, sem tender a uma generalização forçada, as narrativas exploram as perspectivas dos mantenedores do poder vigente, e não das vítimas, isto é, dos que de algum modo foram cúmplices, coniventes e legitimadores do poder autocrático. Podemos dizer que as ficções de Kohan, que aqui sobressaem, não entram no espaço da mera “denúncia”, ou reproduções de certas ações e discursos realizados e propagados durante os *tempos sombrios*. Elas, sobretudo, interrogam, questionam “las franjas medias”, “las zonas miserables” da ditadura e da guerra, fazendo ressoar, juntamente, alguns discursos que ficaram e permanecem à margem, recalcados no silêncio, sem caírem e nem tecerem teias forjadas com ironias abstratas ou cinismos perversos; tampouco tendem a certa compaixão com os algozes, os sustentadores e oportunistas do sistema repressor, exercido durante o período mais violento e cruel vivenciado pela Argentina.

As narrativas, além de pensarem e interrogarem o processo histórico argentino, também se pode dizer - conscientes das diferenças históricas - que elas lançam interrogações para as diversas nações latino-americanas que passaram por sistemas totalitários. A partir disso podemos pensar, por exemplo, o caso do Brasil, que ainda permanece com algumas “políticas indiferentes”, ou até mesmo inibidoras, ao se tratar do período ditatorial (1964-1985) e as “contas pendentes” com os desaparecidos, vítimas e familiares, nos dias atuais. Nas palavras de Jean-Luc Nancy: “Saber la verdad acerca de un mal no lo cura. Tenemos miedo de nosotros mismos o bien hacemos ruido para olvidarlo. Sin embargo, el soplo insiste. Insiste y resiste”. (Nancy, 2006: 79)

Nessa esfera em que, nas palavras de Didi-Huberman (2011), prevalece a sociedade do espetáculo, da mercadoria e da própria espetacularização das imagens de violência, sentimos, juntamente, a exigência que se apresenta e que impulsiona a convocar outras vozes que se movimentam na contracorrente. Como diria Derrida (1994) em *Espectros de Marx*, conjurar com os fantasmas, esses que ainda rondam, e obsediam, no confronto de tempos em que vivemos. Aprendendo assim, não a conversar com o fantasma, “mas a ocupar-se dele, dela, a deixar-lhe ou restituir-lhe a fala, seja em si, no outro, no outro em si: eles estão sempre aí, os espectros, mesmo se eles não existem, mesmo se eles não são mais, mesmo se eles não são ainda” (Derrida, 1994: 234).

Falar de, falar com, falar por e deixar falar os fantasmas é fortalecer a própria voz em nome da justiça, que, para Derrida (1994), é indesconstrutível; é romper as barreiras do som e deixar ecoar o grito poético por outros tempos e espaços, por uma democracia por vir, que não pode

ser pensada sem o gesto crítico da memória. Frente à homogeneização do pensamento, à lei do mercado e a tantas desigualdades abismais:

Pois é preciso gritar, no momento em que alguns ousam neo-evangelizar em nome de uma democracia liberal enfim reatada consigo mesma como ideal da história humana: em vez de cantar o advento do ideal da democracia liberal e do mercado capitalista na euforia do fim da história, em vez de celebrar o “fim das ideologias” e o fim dos grandes discursos emancipatórios, nunca desprezemos essa evidência macroscópica, feita de incontáveis sofrimentos singulares: nenhum progresso permite ignorar que, em números absolutos, nunca tantos homens, mulheres e crianças foram escravizados, condenados à fome ou exterminados sobre a Terra. (Derrida, 1994: 117)

No *corpus* literário de Martín Kohan, principalmente em suas últimas obras ficcionais, os fantasmas da ditadura argentina (1976-1983) não cessam de rondar. Os fantasmas têm mais movimento, eles atravessam paredes, e os pensamentos atravessam barreiras, as realidades condicionadas e condicionantes.

Espectros de Hannah Arendt e Michel Foucault no corpus literário de Kohan

Dos veces junio é o relato de um soldado raso, que fora convocado para prestar o serviço militar obrigatório e designado a permanecer em um desses “quartéis”, que serviam como base de apoio ao sistema, com atividades burocráticas e funções servis a serem exercidas. Em seu caso, também estudante de medicina, tornou-se ajudante e motorista do Dr. Mesiano, um médico de meia idade que atendia “corpos que se negavam a dar informações”. O soldado levava consigo o que seu pai aconselhara: “en el servicio militar, conviene no saber nunca nada. [...] ‘No hay que actuar como los judíos, me dijo, que quieren hacer ver que saben todo’.” (Kohan, 2002: 18). Dessa forma o raciocínio do soldado acaba sendo de que onde há somente “funções a serem cumpridas”, ter senso crítico é uma “perda de tempo”, por isso é mais cômodo e viável se resignar, apenas “cumprir o dever”. Afinal, como ele mesmo confessa: “Con el tiempo me acostumbré, porque todo en la vida es cuestión de costumbre” (Kohan, 2002: 29).

Em *Ciencias morales*, a narrativa penetra a vida cotidiana de María Teresa, a nova inspetora do Colégio Nacional de Buenos Aires, durante a ditadura, uma jovem de aproximadamente vinte anos que vive com sua mãe. Para María Teresa, que parece estar indiferente ao que ocorre nesses *tempos sombríos*, cumprir a rotina e manter as palavras de seu pai enquanto “viva sabedoria” de que “todo en la vida es cuestión de costumbre”, torna-se compatível com o seu cotidiano:

Llega contenta al colegio, sabiendo que le espera todo un día de trabajo como preceptora, y se va contenta también, sabiendo que al día siguiente volverá. Es cierto que durante las noches no concilia el sueño con auténtico sosiego, y que no pocas veces se despierta sobresaltada o llorosa a causa de alguna pesadilla cuyo contenido, sin embargo, no logra identificar. Pero se levanta contenta, incluso si se siente cansada, afectada por el sueño adverso, y no le faltan ganas de salir para el colegio cuando llega la hora. Su padre decía siempre que todo en la vida es cuestión de costumbre. (Kohan, 2007: 111)

Nessa perspectiva, interpenetrando os três romances de Kohan, pode-se dizer que a vida do velho e solitário Giménez, em *Cuentas pendientes*, explorada dentro de uma nação que acabara de se distanciar de seu passado recente, justamente parece conservar hábitos e costumes que o lançam numa complexa via de sordidez e permissividade rançosa de sua condição; envolvido de sentimento de auto-compaixão, Giménez é um velhaco caído na miséria em que a sua única resistência é diante das suas “contas a serem pagas”:

Tengo para mí que Giménez, tarde en noche, arrastra los pies cuando entra en la cocina. Está cansado, las piernas sinuosas y como de tela, acechadas por calambres, quebradizas. [...] Vuelve a la cama, con la vista ya puesta en la pantalla del televisor. ¿Será cierto que murieron tantos judíos en las cámaras de gas de los campos de trabajo de Polonia, o por detrás está el sionismo fraguando cifras y cultivando la exageración? Giménez apaga la luz del velador... (Kohan, 2010: 9-13)

Podemos observar nas três personagens principais das obras supracitadas: Soldado raso em *Dos veces Junio*, María Teresa em *Ciencias Morales* e Giménez em *Cuentas pendientes*, explicitando, nas palavras de Hannah Arendt, a configuração da *banalização do mal* - e do senso crítico - no cotidiano e sua superficialidade.

Kant, já no século XVIII, elaborara o conceito de *Mal Radical*, formulando-o em termos de razão prática, sob uma ótica moral e autorreferente. Entretanto, ao longo do séc. XX na reflexão sobre a experiência das sociedades de massas, que foram atravessadas por guerras e sistemas totalitários, uma abordagem mais cuidadosa e atualizada se fez necessária e encontra-se no profundo trabalho arendtiano que, juntamente, aponta para uma nova dimensão do termo *Mal Radical*: “pode-se dizer que esse *mal radical* surgiu em relação a um sistema no qual todos os homens se tornaram supérfluos. Os que manipulam esse sistema acreditam na própria superfluidade tanto quanto na de todos os outros” (Arendt, 1999: 127). Ainda na concepção da filósofa, que esclarece melhor a partir do *Caso Eichmann*:

Eu quero dizer que o mal não é radical, indo até as raízes (*radix*), que não tem profundidade, e que por esta mesma razão é tão terrivelmente difícil pensarmos sobre ele, visto que a razão, por definição, quer alcançar as raízes. O mal é um fenômeno superficial, e em vez de radical, é meramente extremo. Nós resistimos ao mal não nos deixando ser levados pela superfície das coisas, em parando e começando a pensar, ou seja, em alcançando outra dimensão que não o horizonte de cada dia. Em outras palavras, quanto mais superficial alguém for, mais provável será que ele ceda ao mal. Uma indicação de tal superficialidade é o uso de clichês, e Eichmann... era um exemplo perfeito. (Arendt, 1999: 145)

Hannah Arendt desenvolve sua análise a partir do Caso Eichmann, tendo-o como exemplo do sujeito que dissemina e compactua com a *banalidade do mal*. Eichmann era um funcionário nazista responsável pelo transporte dos judeus para os campos de concentração. No julgamento desse servidor nazista, que Arendt acompanhou como repórter-filósofa, o que era espantoso era o fato de Eichmann ser alguém de aparência normal, sem expressão monstruosa, mas apenas um funcionário burocrático, que queria subir na carreira e estava interessado em obedecer às ordens do Führer, sempre no movimento de um discurso

tautológico. Essas breves semelhanças: o pensamento sem raízes, o uso de clichês e a obediência servil, estão também presentes, com diferentes intensidades e metamorfoses, na construção dos três personagens já citados: o soldado raso e ajudante do Dr. Mesiano; María Teresa, inspetora do Colégio de Buenos Aires e Giménez, um senhor de idade avançada e com uma ligação sinistra com o coronel Vilanova, que parece estar envolvido nos sequestros de bebês durante a ditadura.

As narrativas supracitadas, ao tomarem o caminho inverso da pura representação realista, elas deixam ressoar as vozes dos fantasmas, pois parecem saber que esses sempre retornam, convidados ou não, para assombrar e movimentar o próprio fazer literário. São fantasmas que surgem, emergem da ditadura, dos sistemas totalitários, mas são também outros: espectros de Hannah Arendt e Michel Foucault, que contribuem para o sutil caráter de análise que sobressai nas ficções.

Se por um lado Hannah Arendt pensou *o como* da existência e disseminação do totalitarismo e da *banalização do mal* em seus estudos, por outro lado Michel Foucault (2000) na obra *Em defesa da sociedade*, e em muitos dos seus *ditos e escritos*, pensou *o como* das relações de poder (e *poder-saber*). Podemos verificar, então, que esse *como* se configura e se transfigura no *corpus* literário de Kohan, que apresenta análises complexas, minuciosas, *infinitesimais* do poder, sem dar um panorama da ditadura e da Guerra das Malvinas ou buscar (re)constituir os eventos. As narrativas exploram as questões menores, fazem uma análise ascendente do poder, da multiplicidade das relações de poder, desse poder que circula, que funciona em cadeia, que se exerce em rede, que penetra, constitui e age sobre os corpos. (Foucault, 2000). Por meio de combinações de matizes, as narrativas “analisam”, colocam em evidências ambíguas e duais: o gosto pela “obediência”, sujeição, a cumplicidade e as seduções do poder, a cumplicidade e a banalização do mal no cotidiano.

Reconfiguração/Ressignificação da memória no *corpus* literário de Martín Kohan

Algumas vezes a ditadura e a Guerra das Malvinas são abordadas de maneira separadas, induzindo a pensar, na visão do historiador Luis Alberto Romero (2006), que se tratam de “eventos independentes”. No *corpus* literário de Kohan, deparamo-nos com um percurso inverso, isto é, ambos os eventos são abordados em suas íntimas interligações, em que, por meio de diferentes tons, as narrativas exploram as complexas relações entre a ditadura e a guerra. Elas deixam transparecer as convalidações, por certa parte da população, ao discurso oficial e à crença de que a nação sairia vitoriosa da guerra com os ingleses, deixando-os obnubilados diante do terrorismo instaurado pelo estado e ao desaparecimento de “corpos transgressores”.

Perante essa observação, torna-se fundamental enfatizarmos, também, que os três romances de Kohan já citados demarcam um distanciamento, que deve ser levado em consideração, de mais de vinte a trinta anos dos *tempos sombrios*, e que ainda assombram a Argentina. Essa distância, entre os acontecimentos e a produção literária, permite-nos analisar as ficções de Kohan a partir das abordagens das narrativas, que se dão a conhecer como questionadoras, nas dimensões éticas e estéticas, desse passado recente, distanciando-se de registros testemunhais. No entendimento de Roberto Ferro: “La novela de Martín Kohan configura no tanto el archivo de una memoria como los movimientos de construcción y la gestación de las acciones recortadas sobre un imaginario comunitario sometido a la represión violenta” (Ferro, 2011: 11). Por isso, redimensionando essa análise de Ferro, para a observação do gesto narrativo que sobressai nos três romances de Kohan, sem generalizá-los, percebemos que esses desviam o trajeto da mera temática e rompem com o aprisionamento contextual, em outras palavras, os pincéis da ficção não desenham um quadro da época em *Dos veces junio* e *Ciencias morales*

nem tampouco da atualidade, em *Cuentas pendientes*. O que podemos observar são alusões, recortes, desmontagens de um pensamento único, que reconfiguram e ressignificam a memória e os complexos contextos: histórico-social, político e cultural, com ressonâncias de um absurdo que também parecem interrogar o fazer literário: “Como narrar o horror?”, “Como narrar esse próprio absurdo?”. Nesse sentido, o que afigura atravessar a ficção (pós-ditatorial) de Kohan é o gesto da imaginação ética-política, criadora, que não é sinônimo de fantasia, pois, de acordo com Didi-Huberman em *Imágenes pese a todo*:

La imaginación no significa abandonarse a los espejismos de un único reflejo, como se cree demasiado a menudo, sino la construcción y el montaje de formas plurales relacionándolas entre ellas: He aquí por qué, lejos de ser un privilegio del artista o una pura legitimación subjetivista, la imaginación forma parte integrante del conocimiento en su maniobra más fecunda, aunque –por ese motivo– más arriesgada. (Didi-Huberman, 2011: 179)

Na leitura de Roberto Ferro (2011), que centra a sua análise em *Ciencias Morales*, a voz narrativa parece *contestar* os discursos sociais disseminados durante o denominado *Proceso de Reorganización Nacional*:

Su gestualidad parece **replicar** la circulación de los discursos sociales durante aquellos años, en los que los sobreentendidos desbordaban los silencios impuestos por la dictadura; aunque es preciso señalar que esos sobreentendidos no eran habitualmente una forma de resistencia, sino que, por lo general, eran señales de convalidación del discurso oficial. Asentada en ese registro, la narración se constituye en torno a un conjunto de episodios que exhiben la imposibilidad de producir la supresión irreversible de los acontecimientos en toda su consistencia histórica, inevitablemente siempre quedan rastros de los que emergen una y otra vez los fantasmas de lo reprimido. (Ferro, 2011: 01, grifo meu)

Nessa perspectiva, as narrativas de Kohan, longe de se restringirem a uma literatura realista, demonstram-se na via de questionadoras do passado histórico e da memória, em que a pergunta da literatura deixa de ser “*o que aconteceu?*”, mas sim, nas dimensões ética e estética, interroga: *Como isso aconteceu? Como foi possível acontecer o que aconteceu?*

Imaginação e responsabilidade ética-política

O efeito da Guerra das Malvinas foi fatal para a continuidade da ditadura, e projeta sobre a memória argentina uma presença indelével, manifesta na ficção de Kohan, que explora as complexas tensões da história, os traços e as marcas multifacetadas, por meio de perspectivas múltiplas, bem como atravessada pela imaginação ética-política.

Parece-nos possível dizer, então, que a literatura e suas interrogações, nas dimensões ética e estética sobre a complexa questão das Malvinas e da ditadura, traz juntamente, nas palavras de Kafka, “o germe do por vir” (*in* Deleuze, 2011: 266). Questionamentos esses que ultrapassam “delimitações contextuais”, isso é, não se limitam apenas à situação e o povo argentino, mas que também nos provocam e convocam, como diria Derrida (2004), a assumir a responsabilidade, a “responder de” a “responder a” questões urgentes e problemáticas que

perpassam o Brasil, a América Latina, a sociedade contemporânea. Nas palavras de Derrida em *De que amanhã... diálogo*:

Essa mutação ética e política deve agravar a responsabilidade da escrita em lugar de irresponsabilizar o escritor. A invenção da literatura é *como se* ela fizesse mudar o solo da responsabilidade, precisamente usando, até o abuso deliberado, violando (e é um gozo que exige seu direito, até mesmo impõe sua autorização, seu devir-lícito) a modalidade do *como se*, inventando-lhe um novo elemento, revelando talvez sua infinidade. **Essa infinidade, ou melhor essa abertura sem fim para a historicidade do político, eu a associo sempre a um certo conceito da *democracia por vir*.** (Derrida, 2004: 153, grifo meu)

Recolher os fragmentos da memória e gestá-los para a construção de outras narrativas, não é rememorar ressentimentos, mas é um gesto de retomar as experiências para que elas possam ser pensadas de maneira crítica, por meio de uma imaginação ética e política que contribua para a construção de outras narrativas sociais e da cultura, para que possam ser criados e vislumbrados outros tempos e espaços. Gestos esses que se tornam antídotos de discursos que disseminam a banalização do terror e geram o conformismo.

Em *Cuentas pendientes*, o personagem Coronel Vilanova, expõe a sua indignação ao velho Giménez com as pessoas que não querem “esquecer o passado”:

¿Qué mierda quieren? [...]. Nosotros dos, por ejemplo, que somos dos viejos chotos, busca el coronel y encuentra sin demora la muda complicidad de Giménez, se entiende que pasemos los días mirando siempre el pasado. [...]. Viejos chotos parecen: todo para atrás, todo para atrás, todo para atrás. (Kohan, 2010: 110)

A ditadura, as Malvinas são questões abertas e potencializadas na obra de Martín Kohan, deixando a memória viver de outras formas. Se para Didi-Huberman (2011), a imaginação política, ou melhor, ética-política não se fecha a uma totalidade, tampouco ao desejo de uma verdade absoluta, logo, o gesto literário de Kohan transforma-se na literatura como sopro de vida; as narrativas portam um sopro do ar que fora respirado antes, com ecos de vozes que ora emudeceram... e “ocupam-se de fantasmas”, num encontro sigiloso conjuram e conspiram com esses, deixam-lhes ou restituem-lhes a fala: “[...] seja em si, no outro, no outro em si: eles estão sempre *aí*, os espectros, mesmo se eles não existem, mesmo se eles não são mais, mesmo se eles não são ainda” (Derrida, 1994: 234). Ocupar-se de fantasmas é sempre em nome e por amor à justiça *por vir*, essa que é indesejável.

Bibliografia

- Arendt, Hannah. *As origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das letras, 1990.
- _____. *Eichmann em Jerusalém* – um relato sobre a banalidade do mal. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- Benjamin, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Obras Escolhidas. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

- Deleuze, Gilles. *A imagem-tempo*. Tradução de Eloisa de Araujo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2011.
- Derrida, Jacques. *Espectros de Marx*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- _____. Roudinesco, Elisabeth. *De que amanhã... diálogo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- Didi-Huberman, Georges. *Sobrevivência dos Vaga-Lumes*. Minas Gerais: Editora UFMG, 2011.
- _____. *Imágenes pese a todo*. Memoria visual del Holocausto. Buenos Aires: Paidós, 2011.
- Foucault, Michel. *Em defesa da sociedade*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2000.
- Ferro, Roberto. *Ciencias morales de Martín Kohan. Una pedagogía de la vigilancia*. Disponível em: <<http://metaliteraturameta.blogspot.com.br/2011/12/ciencias-morales-de-martin-kohan-una.html>>. Acesso em: 20/03/2012.
- Kersaudy, François. *Quando as Malvinas foram argentinas*. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/quando_as_malvinas_foram_argentinas.html>. Acesso em: 15/05/2012.
- Kohan, Martín. *Dos veces junio*. Buenos Aires: Sudamericana, 2002.
- _____. *Ciencias morales*. Barcelona: Anagrama, 2007.
- _____. *Cuentas pendientes*. Barcelona: Anagrama, 2010.
- _____. *La literatura da respuestas que la política no suministra*. Revista de Cultura Ñ, 06/05/2010. Disponível em: <<http://weblogs.clarin.com>>. Acesso em: 07/05/2011.
- Lorenz, Federico. *Las guerras por Malvinas*. Buenos Aires: Edhasa, 2006.
- Nancy, Jean-Luc. *La representación prohibida: Seguido de la Shoah, un soplo*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006.
- _____. Lacoue-Labarthe, Philippe. *O mito nazista*. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- Novaro, Marcos; Palermo, Vicente. *A Ditadura Argentina 1976-1983. Do golpe de estado à Restauração Democrática*. São Paulo: Edusp, 2007.
- Romero, Luis Alberto. *História Contemporânea da Argentina*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- Roudinesco, Elisabeth. *Filósofos na Tormenta*. Canguilhem, Sartre, Foucault, Althusser, Deleuze, Derrida. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- Sloterdijk, Peter. *O desprezo das massas - ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna*. São Paulo: Liberdade, 2002.